

Orquestra Gulbenkian

Robert Treviño
Denis Kozhukhin



18 + 19 jan 24

18 jan 24 QUINTA 20:00

19 jan 24 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Robert Treviño Maestro

Denis Kozhukhin Piano

Gabriel Fauré

Suite *Pelléas et Mélisande*, op. 80

c. 19 min.

1. *Prélude: Quasi adagio*
2. *Fileuse: Andantino quasi allegretto*
3. *Sicilienne: Allegro molto moderato*
4. *La mort de Mélisande: Molto adagio*

Maurice Ravel

Concerto para Piano,
para a mão esquerda, em Ré maior

c. 19 min.

INTERVALO

Igor Stravinsky

Pétrouchka

c. 35 min.

PREMIER TABLEAU

Fête populaire de la semaine grasse

Danse russe

DEUXIÈME TABLEAU

Chez Pétrouchka

TROISIÈME TABLEAU

Chez le Maure

Valse: La Ballerine et le Maure

QUATRIÈME TABLEAU

Fête populaire de la semaine grasse (vers le soir)

Danse des nounous

Paysan et l'ours

Bohémien et marchand malhonnête

Danse des cochers et des palefreniers

Les déguisés

La rixe: Le Maure et Pétrouchka

Mort de Pétrouchka

Police et l'enchanteur

Vocifération du double de Pétrouchka

Scherzo à la russe

c. 4 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Gabriel Fauré

(Pamiers, 1845 – Paris, 1924)

Suite *Pelléas et Mélisande*, op. 80

COMPOSIÇÃO 1898 / 1900

ESTREIA Paris, 3 de fevereiro de 1901

DURAÇÃO c. 19 min.

Desde a estreia em Paris, em 1893, a peça teatral *Pelléas et Mélisande*, do escritor belga Maurice Maeterlinck e cujo enredo vagueia por múltiplas variantes do fatalismo amoroso, motivou a composição de importantes obras musicais – Sibelius compôs uma suíte orquestral, Debussy transformou-a na sua única ópera completa e Schönberg converteu o argumento num longo poema sinfônico. Mas Fauré antecedeu a todos, quando aceitou o convite para compor a música para a versão inglesa do drama. Pressionado pelo exíguo prazo de um mês e meio para completar a partitura, o compositor francês acrescentou ao seu novo trabalho uma siciliana, originalmente escrita para violoncelo e piano, em 1893, e confiou a orquestração de dezassete curtas peças ao seu aluno Charles Koechlin. Após o sucesso da estreia, em Londres, em 1898, Fauré extraiu da música de cena uma suíte composta por quatro peças e que ele próprio reorquestrou para uma formação mais ampla.

O prelúdio de abertura dá um tom de mistério silencioso, que impregna a cena com sugestões subtis da tragédia inevitável em torno da atração entre Mélisande e Pelléas. Em *Fileuse* (a fiadeira), uma conversa entre Mélisande e Pelléas é representada por um solo de oboé que domina de início ao fim do andamento e cujo acompanhamento dos violinos impulsiona a roda de fiar com um movimento constante em figuras de tercina. A serena e pastoral *Sicilienne* tornou-se a peça mais popular de toda a obra. Um solo de flauta com acompanhamento de harpa e das cordas em *pizzicato*, figura entre as mais belas melodias da história da música e, por um momento, dá a ilusão de suspender o destino. Mas o destino acabaria por chegar e *La mort de Mélisande* traz consigo o clima trágico da morte. Uma marcha fúnebre de enorme profundidade que acabaria por ser tocada no funeral de Gabriel Fauré, quando este faleceu em 1924, em Paris.

Maurice Ravel

(Ciboure, 1875 – Paris, 1937)

Concerto para Piano, para a mão esquerda, em Ré maior

COMPOSIÇÃO 1929-30

ESTREIA Viena, 5 de janeiro de 1932

DURAÇÃO c. 19 min.

A Primeira Guerra Mundial foi a causa indireta de uma das grandes obras-primas de Maurice Ravel. O Concerto em Ré maior, para a mão esquerda, nasceu de um pedido do pianista austríaco Paul Wittgenstein, que perdera o braço direito no conflito que assolou o mundo entre 1914 e 1918. Recusando resignar-se a tal fatalidade, Wittgenstein pediu a vários compositores que lhe escrevessem obras novas para poder construir um repertório adequado às suas limitações e assim prosseguir a sua carreira. O desafio apaixonou o compositor francês e nem o facto de estar envolvido na composição do Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior foi razão para recusar ou adiar este trabalho, tendo escrito os dois concertos para piano em simultâneo. Curiosamente, há uma diferença significativa na instrumentação de ambos, com o Concerto para mão esquerda a apresentar um maior efetivo orquestral, nomeadamente ao nível das madeiras e dos metais.

Estruturado num único andamento executado sem interrupção, a obra divide-se em duas partes, *Lento* e *Allegro*, com um motivo inicial que surge paulatinamente do silêncio e em que o contrafagote e as cordas graves marcam o carácter dramático da obra, a fazer lembrar o começo de *A Valsa* que Ravel já havia composto por esta altura.

As trompas acentuam o ambiente escuro com um segundo tema, cuja tensão crescente de toda a orquestra irá conduzir à entrada do piano solista, autoritário, heroico até, numa espécie de *cadenza*. À medida que a atmosfera sombria inicial se vai dissipando, o piano gradualmente estabelece um clima de lirismo requintado.

A energia deste concerto é descontínua, com momentos de marcha introduzidos pelos metais, ritmos e sonoridades jazzísticas que transformam por completo a natureza da música, e frases repetitivas que, mesmo que por breves momentos, evocam o espírito do seu *Bolero*. Ao mesmo tempo, Ravel dedica páginas verdadeiramente maravilhosas ao piano, particularmente na secção final, na qual a mão esquerda conduz uma melodia envolvente e ricamente desenvolvida até um brilhante final orquestral.

O Concerto para Piano em Ré maior teve a sua estreia na famosa sala dourada do Musikverein, em Viena, a 5 de janeiro de 1932, interpretado pela mão esquerda de Paul Wittgenstein e acompanhado pela Orquestra Sinfónica de Viena. Uma obra poderosa, de grande complexidade técnica e que só pelo olhar podemos dizer que a parte solista foi escrita para uma única mão, porque auditivamente nunca o poderíamos afirmar.

Igor Stravinsky

(Oranienbaum, 1882 – Nova Iorque, 1971)

Pétrouchka

COMPOSIÇÃO 1910-1911 / rev. 1947

ESTREIA Paris, 13 de junho de 1911

DURAÇÃO c. 35 min.

No rescaldo do enorme sucesso da estreia de *O Pássaro de Fogo*, em Paris, e já com a *Sagração da Primavera* no horizonte, Igor Stravinsky, que por esta altura gozava de enorme popularidade, teve a ideia de escrever uma obra para piano e orquestra a título meramente de distração, tendo em mente “a imagem de um boneco que ganha vida, desafiando a paciência da orquestra com diabólicas cascatas de arpejos”, segundo palavras do compositor. Corria o ano de 1911 e durante o processo de composição surge a ideia de adaptar essa música a um tema de bailado, cujo herói seria *Pétrouchka*. Na verdade, a ideia foi incentivada pelo empresário Sergei Diaghilev, com quem Stravinsky acabara de trabalhar em *O Pássaro de Fogo* e com quem manteve uma colaboração profissional bastante frutuosa, que viria a resultar em algumas das mais emblemáticas criações dos *Ballets Russes*.

O bailado, estruturado em um ato dividido por quatro cenas, conta uma história de amor, ciúme e morte, que retrata a tragédia humana e sentimental de três marionetas: *Pétrouchka*, que vive uma paixão não correspondida pela Bailarina e que acaba morto pelo seu rival no amor,

o Mouro. A narrativa, que decorre no contexto das festividades carnavalescas em São Petersburgo, no ano de 1830, tem sido interpretada como uma alusão ao despotismo e injustiça vividos na Rússia. O conflito entre a dimensão humana e mecânica do protagonista é contruído por um efeito politonal, alcançado pela sobreposição de um acorde de Dó maior e um acorde de Fá sustenido maior. Este recurso à dissonância, assim como a riqueza rítmica que não segue a métrica tradicional, conferem a esta obra um caráter de sofisticação. Mas se o bailado em si teve uma receção positiva, sobretudo devido à interpretação do icónico bailarino russo Vaslav Nijinski, já a música foi adjetivada pela imprensa da época como “cáustica” e “grotesca”. A Orquestra Filarmónica de Viena ter-se-á inclusive recusado a interpretar *Pétrouchka* aquando da passagem dos *Ballets Russes* pela capital austríaca, em 1913.

A orquestra da versão de 1911 é muito grande. Em 1947, já nos EUA, Stravinsky refez a orquestração para um efetivo ligeiramente mais pequeno, destinado a execuções em concerto, tornando-se a versão mais frequentemente interpretada e gravada em todo o mundo.

Scherzo à la russe

—

COMPOSIÇÃO 1944 / rev. 1945

ESTREIA São Francisco, 22 de março de 1946

DURAÇÃO c. 4 min.

Escrito inicialmente em 1944, para um ensemble de jazz, e mais tarde para orquestra sinfônica, em 1945, *Scherzo à la russe* retoma os esboços de um projeto não realizado de música para o filme *The North Star* (“A Estrela do Norte”), de 1943. As características definidoras desta obra são os tempos rápidos, os elementos rítmicos predominantes e o fraseado inusitado tão típico de Stravinsky, numa estrutura com três ideias principais, repetindo o *scherzo* com dois *trios* no meio. O espírito da música folclórica russa

está presente, mas sem o uso de uma melodia folclórica específica. A versão orquestral teve a sua estreia a 22 de março de 1946, em São Francisco, sob a direção do compositor, que em relação a esta obra disse: “Lamento não poder contar uma história divertida sobre o meu *Scherzo à la russe*, porque não há nenhuma história sobre este trabalho. Além disso, se a música não consegue cativar os ouvintes por si só, então uma história divertida não terá sentido.”

NOTAS DE ÉLIO ANES LEAL

Robert Treviño

Robert Treviño emergiu rapidamente como um dos mais entusiasmantes maestros americanos da nova geração. É Diretor Musical da Orquestra Nacional Basca e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfônica Nacional da RAI.

Na presente temporada, estreia-se na Ópera de Zurique e no Teatro La Fenice de Veneza, dirige pela primeira vez a Orquestra Gulbenkian e volta a colaborar com a Dresdner Philharmonie, a Sinfônica de Basileia, a Sinfônica SWR de Estugarda, a Sinfônica NDR de Hanôver, a Gürzenich Orchester de Colônia e a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse.

Robert Treviño dirigiu outras grandes orquestras, incluindo a Sinfônica de Londres, a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, a City of Birmingham Symphony, a Filarmônica de Munique, a Sinfônica da Rádio de Berlim, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Sinfônica MDR de Leipzig, a Sinfônica de Bamberga, a Sinfônica de Viena, a Orquestra do Tonhalle de Zurique, a Orquestra de Paris, a Filarmônica do Scala de Milão e a Filarmônica de Helsínquia.

Dirigiu também várias orquestras fora da Europa, nomeadamente nos Estados Unidos da América, bem como a Sinfônica do Estado de São Paulo e a Filarmônica de Osaka.

Apresentou-se também em festivais relevantes como o Festival Mahler de Leipzig, o Festival Mahler de Milão ou o Festival Puccini, em Itália. As gravações de Robert Treviño para a editora Ondine incluem as Sinfonias de Beethoven, dois álbuns dedicados a Ravel, um álbum Rautavaara e o disco “Americascapes”, uma seleção de peças americanas pouco conhecidas, distinguido pela *Presto Music* em 2021 e listado para um prémio *Gramophone*. Em 2023 foi lançada a nova gravação “Respighi – Roman Trilogy”, com a Orquestra Sinfônica Nacional da RAI.

Denis Kozhukhin

Profundidade emocional e sofisticação, para além de um apuro técnico excecional, são aspetos que caracterizam o poder interpretativo do pianista belga Denis Kozhukhin. Vencedor da edição de 2010 do Concurso Rainha Elisabeth, em Bruxelas, afirmou-se como um dos músicos mais talentosos da sua geração.

Nas duas últimas temporadas destacam-se colaborações com a Sinfônica de São Francisco, a Sinfônica de Montreal, a Frankfurt’s hr-Sinfonieorchester, a Sinfônica da BBC, a Sinfônica Nacional Dinamarquesa, a Philharmonia Orchestra, a Filarmônica Real de Estocolmo e a Sinfônica WDR de Colônia, e com os maestros Rafael Payare, Alain Altinoglu, Cristian Macelaru, Hannu Lintu, Dalia Stasevska e Santtu-Matias Rouvali, entre outros. Na presente temporada, destacam-se ainda novas apresentações com a Filarmônica de Oslo, a Sinfônica NHK de Tóquio, a National Symphony (Washington DC) e a Sinfônica de Barcelona, e ainda estreias com a Sinfônica de Dallas, a Sinfônica de Dusseldorf e a Sinfônica de Melbourne. Estão agendados também recitais na Pierre Boulez Saal, na Elbphilharmonie, no Wigmore Hall, no Konzerthaus de Viena e no Tonhalle de Zurique. Denis Kozhukhin é também uma presença regular em importantes festivais internacionais de música como os de Verbier, Gstaad, Grafenegg, Dresden e Jerusalém, e ainda o *Intonations Festival* de Berlim, e os *BBC Proms*.

Denis Kozhukhin estudou na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, com Dmitri Bashkirov e Claudio Martínez Mehner. Completou os seus estudos na Academia de Piano do Lago Como, onde recebeu os ensinamentos de Fou Ts’ong, Stanislav Iudenitch, Peter Frankl, Boris Berman, Charles Rosen e Andreas Staier. Estudou também com Kirill Gerstein em Estugarda.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Catarina Resende
Flávia Marques

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi
Iris Almeida

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
Hugo Paiva
João Valpaços
Maria Leonor Moniz

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 2º SOLISTA
Marine Triolet
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
Pedro Freire 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA
Xavier Novo 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tiago Ferreira 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
Cristiano Rios*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA
Ana Castanhito 2º SOLISTA*

PIANO

Joana David 1º SOLISTA*

CELESTA

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

20 + 21 janeiro

Festival Quartetos de Cordas



Belcea Quartet - AMSTERDAM

GULBENKIAN.PT

MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA

MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA

MECENAS
SEGURADORA
OFICIAL

MECENAS
CÍRCULO DE PIANO

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

STONES

TRAN
QUILI
DADE

pwc

BPI

Fundação "la Caixa"

20 + 21 jan 24

SÁBADO 15:00, 18:00, 21:00 /
DOMINGO 12:00, 15:00, 18:00
GRANDE AUDITÓRIO

Festival Quartetos de Cordas

**Quatuor Van Kuijk, Quatuor Danel,
Belcea Quartet, Minguet Quartett,
Simply Quartet, Jerusalem Quartet**



Belcea Quartet © MAURICE HAAS

22 jan 24

SEGUNDA 20:00 / GRANDE AUDITÓRIO

Arcadi Volodos Piano

Franz Schubert, Robert Schumann,
Franz Liszt / Arcadi Volodos



Arcadi Volodos © MARCO BORGREVE

31 jan 24

QUARTA 20:00 / GRANDE AUDITÓRIO

Cappella Mediterranea

Coro Gulbenkian

Leonardo García Alarcón Maestro

Mariana Flores Soprano

Deborah Cachet Soprano

David Sagastume Contratenor

Valerio Contaldo Tenor

Mathias Vidal Tenor

Andreas Wolf Baixo-Barítono

Rafael Galaz Ramirez Baixo

Vésperas de Monteverdi



Leonardo García Alarcón © JEAN-LOUIS FERNANDEZ

**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

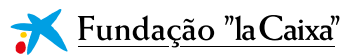
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. Isto é crescer com a cultura.



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

